

# RELAÇÕES ENTRE HABILIDADE DE PERCEPÇÃO EMOCIONAL E ACEITAÇÃO E REJEIÇÃO SOCIAL EM UNIVERSITÁRIOS

**Relations between emotional perception ability and acceptance and rejection in college students**

**Relaciones entre la capacidad de percepción emocional y la aceptación y el rechazo social en los universitarios**

---

Geovana Barroso de Sena – *Centro Universitário Salesiano – UNISAL Americana*

Daniel Bartholomeu – *Centro Universitário Salesiano – UNISAL Americana*

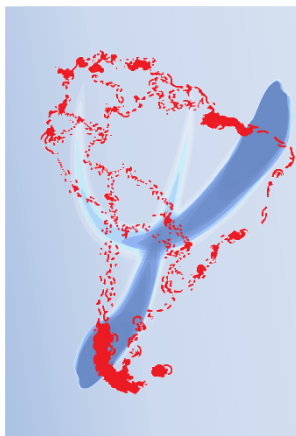
José Maria Montiel – *Centro Universitário Fieo (UniFieo)*

Ivan W. Tertuliano – *Centro Universitário Adventista (Unasp)*

Paula Isabela Barbosa – *Centro Universitário Salesiano – UNISAL Americana*

Fernanda Helena Vianna Soares Garcia – *Centro Universitário Salesiano – UNISAL Americana*

---



*Correspondência*

Daniel Bartholomeu

d\_bartholomeu@yahoo.com.br

**Geovana Barroso de Sena**

estudante de psicologia no Centro Universitário Salesiano de Americana.

**Daniel Bartholomeu**

Doutor em Avaliação Psicológica pela USF com Pós-doutorado em Desenvolvimento humano e tecnologias na Unesp – Rio Claro. Leciona no Centro universitário Salesiano de Americana. Diretor clínico do Nexo Instituto de Psicologia Aplicada.

**José Maria Montiel**

Doutor em Avaliação Psicológica pela USF com Pós-doutorado em Desenvolvimento humano e tecnologias na Unesp – Rio Claro. Leciona no Centro universitário Fundação Instituto para a educação de Osasco FIEO. Diretor científico do Nexo Instituto de Psicologia Aplicada.

**Ivan W. Tertuliano**

Pós Doutoramento pela UNESP - Rio Claro. Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias pela UNESP - Rio Claro. Docente do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP).

**Paula Isabela Barbosa**

estudante de psicologia no Centro Universitário Salesiano de Americana.

**Fernanda Helena Vianna Soares Garcia**

estudante de psicologia no Centro Universitário Salesiano de Americana.

## Resumo

O objetivo deste trabalho foi analisar o papel da percepção e emocional enquanto explicativas da aceitação e rejeição em estudantes universitários para sair e estudar. Participaram da pesquisa 128 estudantes universitários do curso de educação física de uma universidade do interior do estado de São Paulo com idades entre 18 e 51 anos. Foram aplicados a medida sociométrica e o teste de percepção de emoções básicas computadorizado de forma coletiva. Nos resultados foram observadas associações entre a percepção e tristeza e aceitação para estudar, sugerindo que quanto maior a capacidade de os universitários perceberem esta emoção mais aceitação para estudar tendem a evidenciar. É interessante observar que o coeficiente de correlação entre rejeição para estudar e percepção da raiva não foi significativo, apesar de moderado. De modo geral pode-se aventar que o fato de elas perceberem melhor estes sinais podem favorecer à eles responder melhor à estes sinais e favorecendo maior aceitação entre os colegas. No entanto, esta hipótese convida a novos estudos.

**Palavras-chave:** percepção emocional; emoções primárias; aceitação rejeição social; universitários.

## Abstract

This study aimed to analyze the role of perception and emotional as explanatory of acceptance and rejection in university students to go out and study. 128 university students attending at the physical education course at a university in the interior of the state of São Paulo, aged between 18 and 51 years were studied. The sociometric measure and the computerized basic perception perception of emotions test were applied. In the results we observed associations between perception and sadness and acceptance to study, suggesting that the greater the capacity of the students to perceive this emotion, the more acceptance to study tend to show. It is interesting to note that the correlation coefficient between rejection to study and anger perception was not significant, although moderate. In general, it can be argued that the fact that they perceive these signs better may favor them to respond better to these signs and favor greater acceptance among colleagues. However, this hypothesis calls for further studies.

**Key-words:** emotional perception; primary emotions; acceptance of social rejection; College students.

## Resumen

El objetivo de este trabajo fue analizar el papel de la percepción y emocional como explicativas de la aceptación y rechazo en estudiantes universitarios para salir y estudiar. Participaron de la investigación 128 estudiantes universitarios del curso de educación física de una universidad del interior del estado de São Paulo con edades entre 18 y 51 años. Se aplicaron la medida sociométrica y la prueba de percepción de emociones básicas computarizada de forma colectiva. En los resultados se observaron asociaciones entre la percepción y tristeza y aceptación para estudiar, sugiriendo que cuanto mayor sea la capacidad de los universitarios percibir esta emoción más aceptación para estudiar tienden a evidenciar. Es interesante observar que el coeficiente de correlación entre rechazo para estudiar y percepción de la rabia no fue significativo, a pesar de moderado. En general se puede observar que el hecho de que perciban mejor estas señales pueden favorecer a ellos responder mejor a estas señales y favorecer una mayor aceptación entre los colegas. Sin embargo, esta hipótesis invita a nuevos estudios.

**Palabras-clave:** percepción emocional; emociones primarias; aceptación y rechazo social; universitarios.

## Introdução

É impossível tratar das relações sociais sem mencionar o trabalho de Jacob Levy Moreno que iniciou seus experimentos nessa área com refugiados da guerra em campos de concentração. Como conviver nessa situação era bastante difícil, Moreno procurou agrupar os sujeitos por afinidades, acreditando que assim poderiam suportar melhor os problemas do campo de batalha. Essas experiências forneceram a base para a sociometria ou o estudo da mensuração social a partir das reestruturações do grupo em razão de sua organização interna, ou, em outros termos, as atrações e repulsas manifestas pelos sujeitos do grupo (Sisto & Martinelli, 2006).

Moreno (1972) considerava que a sociometria seria o estudo matemático de propriedades psicológicas de uma população. Entretanto, mesmo que o termo tenha uma conotação de mensuração, o “*socius*” e não o “*metrum*” que apresenta maior significado, uma vez que o aspecto qualitativo subjaz ao quantitativo na estrutura social, agindo de dentro para fora do grupo. Para o autor, a estrutura social é semelhante à atômica já que se observam padrões de repulsa, atração e indiferença.

Aparentemente, aspectos afetivos originam os processos de atração e rejeição que se exercem entre os indivíduos. Esse processo é designado de tele. Em outros termos, compreende uma espécie de empatia bidirecional explicando a corrente de atração ou repulsa entre dois indivíduos. Os sentimentos projetados em uma direção única não têm sentido para a sociometria, senão aqueles complementares e recíprocos nem que seja virtualmente. Um aspecto dos sentimentos não pode existir sem outro, constituindo um *continuum*. A tele entre dois sujeitos quaisquer pode ser meramente virtual, tornando-se ativa quando as pessoas se encontram ou quando seus sentimentos e ideias se

encontram, mesmo que á distância por algum meio de comunicação. Esses efeitos, são efeitos tele que variam da indiferença até uma resposta mais intensa (Moreno, 1972).

A empatia é muito relevante nas relações sociais. As habilidades empáticas podem e devem ser trabalhadas nas escolas com o envolvimento dos professores, afim de promoverem o desenvolvimento socioemocional e cognitivo de forma integral nas crianças (Rodrigues & Ribeiro, 2011).

Conforme denota-se, as técnicas sociométricas, de fato representaram um grande avanço no estudo das estruturas grupais, na medida em que possibilitaram a estimação das crianças mais aceitas e rejeitadas em uma coletividade. No entanto, não foram suficientes para caracterizar as condutas específicas responsáveis por esse fato em cada uma das categorias fornecidas por esse próprio instrumento, ou em qualquer outro grupo de pessoas. Desse modo, torna-se necessário a determinação de outras variáveis psicológicas implicadas para caracterizar as escolhas em qualquer grupo. A literatura tem enfatizado alguns aspectos que são referências norteadoras do que se investigar como por exemplo as habilidades sociais (Asarnow & Callan, 1985; Mcconnell & Odom, 1986; Bullock, Ironsmith & Poteat, 1989; Sisto, 2003; Bartholomeu et al., 2011; Bartholomeu, Montiel & Pessotto, 2011; Sisto et al., 2004).

De forma geral, pode-se sugerir pela análise desta literatura, habilidades sociais e aceitação-rejeição entre pares que a habilidade social em crianças do ensino fundamental tende a reduzir a rejeição, mas não necessariamente provocar aceitação. Já em adolescentes do ensino médio, as habilidades sociais tendem a favorecer os meninos, mas não as meninas quanto à aceitação para estudar e rejeição nesta situação. Finalmente, em universitários as habilidades sociais tendem a produzir menos rejeição para os meninos para o estudo, bem como facilitar a aceitação das meninas nesta

situação. Todavia, certas condutas tendem a aumentar a rejeição das meninas principalmente para sair com as amigas (Bartholomeu & Montiel, 2013a).

Em um estudo realizado sobre a interferência dos modelos e a diferenças de sexos, diz que a aprendizagem emocional como mediadora do efeito da habilidade verbal com a capacidade da integração social, juntas afetam os comportamentos e estes se tornam mais adaptados e as crianças tornam mais capazes de responder adequadamente em situação de integração social (Mostow; Izard; Fine & Trentacosta, 2002).

De acordo com uma outra pesquisa feita em um grupo de crianças diz que as habilidades sócio cognitivas não determinam o grau em que as crianças são rejeitadas pelos pares o tanto que nos jogos de interação ou no trabalho com os colegas. Os problemas comportamentais aparecem justamente por causa das nomeações negativas dos pares. As crianças que apresentaram mais problemas, foram as que receberam uma maior taxa de nomeações negativas (Spence, 1987).

Habilidades não verbais são divididas em duas áreas principais: a linguagem corporal e paralinguística. A linguagem corporal é composta por gestos, contato visual, postura, expressão facial, uma consciência da distância física e, até mesmo, a aparência física. Paralinguagem consiste do conjunto de fatores que envolvem a forma como as crianças se comunicam oralmente, com exceção de suas palavras. Inclui tom de voz, o volume de voz, inflexão de voz, sotaque, e quaisquer diferenças incomuns de articulação. Cada elemento do comportamento não verbal de uma criança envia uma mensagem para as demais, assim como para adultos (Del Prette; Del Prette, 2009).

Para melhorar o seu sucesso social, as pessoas devem aprender a levar em conta as mensagens não verbais que enviam aos outros, permitindo ler o aspecto emocional, o verdadeiro significado por trás das mensagens que recebem. Como atravessa as atividades nesta seção, é possível descobrir que algumas pessoas precisam de mais

prática em determinadas áreas do que outras. É necessário caracterizar os elementos que influenciam nas intervenções psicológicas, porém, é preciso, ainda, desenvolver formas de levar o educador a proceder de uma observação mais profunda e significativa e, com isso, ele poderá perceber ocasiões e ocorrência que levam os indivíduos a demandar de maior apoio técnico (Abe et al., 2013).

Os sinais não verbais que enviamos na conversa, a partir de movimentos corporais para expressões faciais podem ser mais poderosos do que as palavras que dizemos. Infelizmente, as habilidades de comunicação não verbais não são ensinadas na escola, mas são cruciais para o sucesso em ambientes profissionais e sociais (Leite et al., 2007). A linguagem corporal e comunicação não verbal vêm naturalmente às pessoas, mas à medida que envelhecem, a comunicação verbal começa a dominar cada vez mais. Além disso, a capacidade de se comunicar verbalmente varia de pessoa para pessoa, e pode ser em grande parte inata (Bueno et al., 2001). A comunicação não verbal desempenha um papel importante na forma como se transmite um significado e informações a terceiros, bem como no modo como interpretamos as ações daqueles que nos rodeiam. É importante lembrar que quando se analisa esses comportamentos nas ações em grupos, analisa-se o que uma pessoa realmente diz, juntamente com as suas expressões, aparência e tom de voz podendo dizer muito sobre o que a pessoa realmente está tentando dizer (Miguel et al., 2010).

Algumas pessoas são socialmente bem sucedidas individualmente, mas não em grupos. A incapacidade de participar de um grupo durante os anos do ensino fundamental pode trazer muitas experiências dolorosas para as pessoas. Na medida em que envelhecem as pessoas que estão isoladas socialmente correm mais riscos em uma gama grande de variedade de problemas de insucesso acadêmico. As pessoas vão aprender uma variedade de habilidades que podem ajudá-los a ser aceitos por grupos e

ou mesmo tornar-se líderes (Gardner, 1995). Inteligência Social é a habilidade de entender e conduzir adequadamente os relacionamentos humanos. Edward Thorndike (1920) instituiu o conceito para designar “a capacidade de entender e administrar homens e mulheres” (citado por Goleman, 2007). O relacionamento aqui dito é a capacidade que um tem com o outro de conviver e comunicar-se com seus semelhantes e de se aproximar e atender às necessidades mútuas e/ou trocar informações (trocas de pensamento, ideias e sentimentos). O relacionamento só persiste se as necessidades mútuas envolvidas forem atendidas (Santos, 2001).

Em outro estudo feito por Gardner (2001), indicou-se que a Inteligência Interpessoal é “a capacidade de entender as intenções, motivações e desejos do próximo e, conseqüentemente, de trabalhar de modo eficiente com terceiros”. Já Albrecht (2006) indicou que a Inteligência Social é a habilidade de interagir com outros indivíduos e extrair a colaboração deles e envolve alguns fatores relacionados como a compreensão básica das pessoas e um conjunto de procedimentos para interagir com elas. Tais habilidades necessitam de maior investimento e desenvolvimento em todas as áreas da educação, desde o nível básico até o ensino superior. Neste contexto, Goleman (2007) explica que a consciência social envolve a habilidade de sentir instantaneamente a circunstância interior do outro, compreendendo seus anseios e pensamentos, além das circunstâncias sociais. É composta por quatro fatores, a saber, Empatia primordial (possibilita a compreensão dos sentimentos); Sintonia (permite que a pessoa se conecte com a outra); Precisão empática (autoriza a compreensão do que o outro sente) e Cognição social (permite saber como o mundo social funciona e como resolver os problemas sociais com os quais nos deparamos). Pesquisadores notaram que na comunicação social as habilidades não verbais são, na verdade, muito mais importante em comunicar as emoções do que as habilidades verbais. As pessoas prestam atenção

não apenas para as palavras que são ditas, mas também na forma que é dito (Todorov; Uleman, 2003; Bartholomeu et al., 2008).

Nesse sentido, identifica-se um padrão de associações irregular entre as condutas socialmente habilidosas e a aceitação e rejeição entre colegas no decorrer do desenvolvimento. Vale ressaltar que os elementos de habilidades sociais em questão envolvem traquejo verbal, basicamente, não se referindo a elementos molares do comportamento. Ao mesmo tempo, o controle de outras variáveis nessa relação como a personalidade pode-se revelar importante e interessante, uma vez que essas apresentam relações com a sociometria (Sisto et al., 2004) bem como com as habilidades sociais (Bartholomeu et al., 2008; Bueno et al., 2001), podendo ocorrer efeito de mediação destas relações.

Bartholomeu e colaboradores (2014) também investigaram se a personalidade (mais especificamente o fator socialização) ou as habilidades sociais teriam maior poder preditivo sobre a aceitação entre colegas. Assim, testaram se a aceitação seria prevista por habilidades aprendidas (habilidades sociais) e aferidas por auto relato, ou por aspectos mais estáveis da sua personalidade, que determinaria seu jeito de ser. De fato, o traço socialização, por definição, implica em uma pessoa que gosta de relações sociais, enquanto as habilidades sociais podem ser aprendidas por qualquer pessoa para melhorar o trato social. Os resultados indicaram que a socialização foi o aspecto preponderante na explicação da aceitação no grupo em detrimento das habilidades sociais. Tal resultado levou os autores a sugerirem que certos aspectos não verbais da interação podem estar favorecendo a percepção de sinais de aceitação na interação, hipotetizando que a expressividade emocional e a capacidade de percepção emocional podem estar imbricadas a uma maior aceitação pelo grupo.



Neste estudo, aventa-se que a percepção e a expressividade emocional favorecem que sinais específicos (emoções) sejam comunicados na interação de forma não verbal e que podem estar atreladas à aceitação e rejeição no grupo. Ainda, serão investigadas quais condutas expressas e percebidas favorecem a aceitação e rejeição pelo grupo, sendo uma forma de se testar o aspecto télico do grupo segundo a teoria de Moreno (1972). Segundo o autor, a tele implica em uma empatia de duas direções, não só a pessoa transmite emoções que facilitam sua aceitação, mas recebe sinais dos demais sobre esse aspecto na interação.

Neste sentido, investigou-se se a percepção das emoções apresenta associações com aceitação e rejeição para estudar em estudantes universitários.

## **Método**

### **Participantes**

Participaram da pesquisa 128 estudantes universitários do curso de educação física de uma universidade do interior do estado de São Paulo com idades entre 18 e 51 anos (média 24 anos, DP=6,15). Cerca de 60% eram do sexo feminino e 39% do segundo semestre do curso, 33% do sexto semestre e o restante do oitavo.

### **Instrumentos**

**Medida Sociométrica.** Essa medida busca captar a aceitação ou rejeição de uma criança por seus colegas de classe para as atividades de brincar e estudar. Para isso, solicitar-se-á, primeiramente, que cada aluno indique três colegas de sua sala de aula com os quais gostariam de estudar, assim como as razões para a escolha de cada um deles. Dessa forma, o primeiro colega indicado será considerado com quem ele mais gostaria de estudar e assim sucessivamente. Feito isso, será solicitado para que

indiquem três colegas de sala de aula com os quais não gostariam de estudar, sendo, o primeiro escolhido, o mais rejeitado para essa atividade e assim por diante. Nesse caso, novamente solicitar-se-á as razões para a rejeição de cada um dos pares indicados. Essas mesmas perguntas serão também feitas em relação à atividade de brincar. As indicações positivas para cada uma das situações receberão pontos positivos da seguinte forma: + 3 para o primeiro escolhido; +2 para o segundo; e +1 para o terceiro. Já as negativas atribuir-se-á -3 para o menos escolhido; -2 para o segundo menos escolhido; e -1 para o terceiro. Com base nessas pontuações, será encontrada a posição sociométrica de cada um dos alunos pela soma aritmética dos pontos de aceitação e rejeição em cada uma das situações.

Dessa forma, serão obtidas três medidas. A primeira relativa à aceitação-rejeição para estudar, outra para brincar e uma geral que é soma das duas situações. Vale ressaltar que, após feitas as escolhas, será apresentado um checklist de comportamentos socialmente aceitos para ser preenchido pelos participantes, indicando os motivos pelos quais escolheram e rejeitaram em primeiro, segundo e terceiro os seus pares. Nessa lista, basta assinalar as condutas percebidas por ele nas pessoas eleitas.

**Teste Informatizado de Percepção de Emoções Primárias (PEP) (Miguel & Primi, 2006).** Este teste informatizado apresenta as seguintes características: uma área central para o vídeo e as alternativas com nomes das emoções na parte inferior, além de uma outra opção para assinalar a autenticidade da emoção. É composto por 32 itens, sendo que oito mostram vídeos escolhidos aleatoriamente entre uma opção de três. Em seguida, o software registra em um banco de dados as respostas dadas. Pode-se ainda modificar suas respostas e assistir novamente aos vídeos das expressões, o que também

é registrado no banco de dados. Para ir ao próximo item basta clicar no botão específico para isso (Miguel, 2009).

## **Procedimentos**

Os testes foram administrados da seguinte forma: Primeiramente a partir da medida sociométrica com o protocolo de registro dos comportamentos que justificam a aceitação e rejeição pelos colegas; num segundo momento foi feita uma coleta dos instrumentos de autorrelato em grupo. Em seguida, foi marcado uma hora em um laboratório com computadores que apresentaram o experimento em grupos menores de 20 pessoas.

## **Resultados**

Para se analisar os dados provenientes do *PEP* e do Teste Sociométrico, utilizou-se a prova de correlação não paramétrica de *Spearman*. Seus resultados revelaram associações entre a percepção e tristeza e aceitação para estudar, sugerindo que quanto maior a capacidade de os universitários perceberem esta emoção mais aceitação para estudar tendem a evidenciar. É interessante observar que o coeficiente de correlação entre rejeição para estudar e percepção da raiva não foi significativo, apesar de moderado. Assim, uma ampliação da amostra pode ser útil no sentido de se analisar estas relações de maneira mais pontual. Este resultado está na tabela 1.

Em seguida, para verificar quais dos aspectos da inteligência emocional prediziam a aceitação e rejeição para estudar, utilizou-se a prova de regressão linear com método *Stepwise* de entrada das variáveis. Seus resultados reiteram a associação entre percepção da tristeza como preditora da aceitação para estudar. Estes resultados estão na tabela 2.

### Tabela 1

*Coefficientes de correlação entre aceitação e rejeição para estudar e percepção emocional.*

		REJEIÇÃO ESTUDAR	ACEITAÇÃO ESTUDAR
Percepção Alegria	r	-0,2	-0,49
	p	0,595	0,088
Percepção de tristeza	r	0,00	0,76
	p	1,00	0,002
Percepção de raiva	r	0,54	0,31
	p	0,129	0,299

Tabela 2

*Coefficientes de regressão da percepção emocional da aceitação para estudar.*

		B	Std. Erro	Beta	t	Sig.	F	p
1	(Constant)	1,106	0,332		3,333	0,007	6,044	0,032
	p1tris	0,319	0,13	0,595	2,458	0,032		

## Discussão

Os resultados indicaram algumas evidências de validade de construto dos instrumentos utilizados para avaliação pelos pares. As Habilidades Sociais e as identificações sócios emocionais contribuem significativamente para a variância da Aceitação pelos Pares, sobretudo no fator tristeza, o qual a aceitação para estudar juntos aumenta quando está é identificada.

Cerca de 93% das comunicações ocorrem sob a base não verbal, sendo que 38% são atribuíveis à sinais não verbais vocais como volume, timbre, velocidade da voz e 55% visual como contato visual (Gallo, 2007). Estas duas áreas são comuns na literatura do comportamento não verbal, os sinais vocais (paralinguagem, incluindo sorrir, chorar, engolir, dentre outros) e visuais (movimentos, expressão facial, fixação visual, piscar, postura, dentre outros) (Neuliep, 2003). De fato, parte do processamento destes comportamentos é subconsciente. Enquanto conversamos com outras pessoas, o

processamento consciente está atento às palavras e comunicação verbal para emitir respostas, enquanto processamos de forma subconsciente os elementos não verbais. Evolutivamente, este “sexto sentido” é a forma como os neurônios espelho adaptam-se para nos enviar informações e nos alertar se há algo errado na comunicação que estamos tendo. Os neurônios espelho foram envolvidos em estratégias de sobrevivência, já que auxiliam os humanos a dividir conhecimento, aprender artes, lutas ou compaixão a partir da leitura da linguagem corporal dos demais (Reiman, 2008).

Toda vez que uma pessoa encontra outra se cria uma primeira impressão que consistem de julgamentos iniciais baseados nos sinais de comunicação não verbais, basicamente enfatiza que os estudos de Todorov e Willis foram pioneiros na área e revelaram que leva um décimo de segundo para formar uma impressão de uma face estranha e a exposição prolongada não altera estas impressões significativamente (Mcaleer; Todorov; Belin, 2014; North; Todorov; Osherson, 2012; Stewart et al, 2012). Com isso, se decide as preferências, confiança e desejo de manter interações com as pessoas. De fato, as pessoas fazem avaliações relativamente precisas em observações rápidas de menos de meio minuto. Disso radica que as pessoas devem tentar provar que são decentes, genuínas, confiáveis com comunicação não verbal e um décimo de segundo ou a interação pode não continuar (Cummings, 2011).

Chama a atenção o fato de a percepção da tristeza estar associado à aceitação para estudar. De fato, aparentemente, pessoas que têm melhor percepção de tristeza tendem a ser mais aceitos. Eventualmente pode-se aventar que o fato de elas perceberem melhor estes sinais podem favorecer à eles responder melhor à estes sinais e favorecendo maior aceitação entre os colegas. No entanto, esta hipótese convida a novos estudos em que se considere a percepção destes comportamentos pelo interlocutor. Este tipo de informação tende a confirmar os estudos de cognição social (Todorov; Uleman, 2003).

## Considerações Finais

Os resultados deste trabalho lançaram luz sobre o impacto que a percepção emocional tem sobre a coesão grupal e aceitação num grupo, sendo ferramenta indispensável neste sentido e facilitando pontos para futuras intervenções e treinamentos de percepção emocional, visando facilitar a integração das pessoas num grupo.

## Referências

- Asarnow, J.R.; Callan, J.W. (1985). Boys with peer adjustments problems: social cognitive processes. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 53(1), 80-87.
- Bartholomeu, D., Nunes, C.H.S.S. & Machado, A. A. (2008). Traços de personalidade e habilidades sociais em universitários. *Psico-USF*, 13 (1), 41-50.
- Bartholomeu, D.; Carvalho, L.F.; Silva, M.C.R.; Miguel, F.K.; Machado, A.A. (2011). Aceitação e rejeição entre pares e habilidades sociais em universitários. *Estudos de Psicologia*, 16(2), 155-162.
- Bartholomeu, D.; Montiel, J.M. (2013a). Social skill and sociometric status in children of elementary study. *Comparative Social Research*. manuscript submitted for publication.
- Bartholomeu, D.; Montiel, J.M. (2013b). Interfaces of Socialization and Social Skills for social acceptance and rejection. *Journal of Personality and Social Psychology*, manuscript submitted for publication.
- Bartholomeu, D., Silva, M. C. R., & Montiel, J. M. (2014). *Teste de Habilidades Sociais em Crianças e Adolescentes (THAS-C)*. Editora Memnon. São Paulo.

- Bartholomeu, D.; Montiel, J.M.; & Pessotto, F. (2011). Sociometria e habilidades sociais em alunos do ensino médio. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 2(2), 211-228.
- Bueno, J. M. H., Oliveira, S. M. S. S. & Oliveira, J. C. S. (2001). Um Estudo correlacional entre habilidades sociais e traços de personalidade com universitários. *PsicoUSF*, 6, 31-38.
- Bullock, M. J., Ironsmith, M., & Poteat, G. M. (1988). Sociometric techniques with young children: A review of psychometrics and classification schemes. *School Psychology Review*, 17, 289-303.
- Bustos, D. M. (1979). *O teste sociométrico*. São Paulo: Brasiliense.
- Caballo, V. (2000). *Manual de Avaliação e Treinamento das Habilidades Sociais*. Editora: Santos. São Paulo.
- Del Prette, Z.A.P. & Del Prette, A. (2001). *Inventário de habilidades sociais: manual de aplicação, apuração e interpretação*. São Paulo, Casa do Psicólogo.
- Dodge, K. A., Mcclaskey, C. L. & Feldman, E. (1985). A situational approach to the assessment of social competence in children. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 53, 344-353.
- Gardner, H. (2001). *Inteligência: um conceito reformulado*. Rio de Janeiro, Objetiva.
- Goleman, D. (2007). *Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro, Objetiva.
- Mostow, Allison J., Izard, Carroll E., Fine Sarah, Trentacosta, Christopher J. (2002). Modeling emotional, Cognitive, and Behavioral Predictors of Peer Acceptance. *Child development*, 53, 1775 – 1787.

- McConnell, S. R., & Odom, S. L. (1986). Sociometrics: Peer-referenced measures and the assessment of social competence. *Children's social behavior: Development, assessment, and modification*, 19, 215-284.
- Miguel, F. K., & Noronha, A. P. P. (2009).. Estudo da relação entre inteligência emocional e estresse em ambientes de trabalho. *Avaliação Psicológica*, 8(2), 219-228.
- Moreno, J. L. (1972). *Fundamentos de la sociometria*. Buenos Aires: Editorial Paidós.
- Nunes, C. H. S. S. & Hutz, C. S. (2007). *Escala Fatorial de Socialização - Manual Técnico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Reinan, Tonya. (2008). The power of body language. How to succeed in every business and social encounter. 1;112(7):2935-45. doi: 10.1182/blood-2008-02-142430.
- Rodrigues, M. Cosenza N. & Ribeiro, N.. (2011). Avaliação da empatia em crianças participantes e não participantes de um programa de desenvolvimento sociocognitivo. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(2),114-126.
- Sisto, F.F. & Martinelli, S.M.. (2006). *O papel das relações sociais na compreensão do fracasso escolar e das dificuldades de aprendizagem*. Em Afetividade e dificuldades de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica. 1 ed. São Paulo: Vetor.
- Sisto, F. F. (2003). *Escala de Traços de Personalidade para Crianças*. Vetor Editora. São Paulo.
- Sisto, F.F., Oliveira, S.M.S.S, Oliveira, K.L., Bartholomeu, D., Oliveira, J.C.S, Costa, O.R.S. (2004). Escala de traços de personalidade para crianças e aceitação social entre pares. *Interação*, 8, 15-24.
- Spence, S. H. (1987). The relationship between social-cognitive Skills and peer sociometric status. *Bristsh Journal of Developmental Psychology*, 5, 347 – 356.



Todorov, A., & Uleman, J. S. (2003). The efficiency of binding spontaneous trait inferences to actorsfaces. *Journal of Experimental Social Psychology*, 20, 549–562.

*Submissão: 23/11/2017*

*Última revisão: 18/05/2018*

*Aceite final: 27/06/2018*